

ARTIGO

A DIMENSÃO FILOSÓFICO-EDUCATIVA DE EROS NO BANQUETE DE PLATÃO

Alessandro Cesar BIGHETO¹

Resumo

Este artigo tem por objetivo principal abordar qual o papel exercido pelo amor na teoria de Platão, a partir da análise dos elementos centrais da obra *O Banquete*. Procurou compreender que postura assume o filósofo em relação a esse tema tão abordado entre os gregos. O amor é ponto essencial na teoria platônica por estar na base da Filosofia. O filósofo e a Filosofia seriam filhos do amor. O filósofo grego define o amor como desejo constante de bem e de busca pela sabedoria e pelo conhecimento. Então, por um lado, o amor nos impulsiona à busca do bem e do saber; por outro, surge como um importante elemento educativo, na medida que impulsiona mestre e discípulo na busca por esses dois elementos fundamentais da existência humana.

Palavras-chave: Amor; Educação; Banquete; Filosofia; Filósofo.

Abstract

The main objective of this article is to discuss the role played by love in Plato's theory, based on the analysis of the central elements of the work *The Banquet*. He tried to understand what posture the philosopher takes in relation to this theme that is so discussed among the Greeks. Love is an essential point in Platonic theory because it is the basis of philosophy. The philosopher and philosophy would be children of love. The Greek philosopher defines love as a constant desire for good and the search for wisdom and knowledge. So, on the one hand, love drives us the search for good and knowledge; on the other hand, it appears as an important educational element, as it drives teacher and disciple in the search for these two fundamental elements of human existence.

Keyword: Love; Education; Banquet; Philosophy; Philosopher.

¹ Pedagogo, filósofo e historiador; mestre em Filosofia da Educação pela Unicamp. Pesquisador da Universidade Livre Pampédia. Professor no Centro Universitário Anchieta. E-mail: alessandro.bigheto@anchieta.br.

Introdução

Os gregos, que abordaram com tanta profundidade as questões humanas, tratando de temas relativos à vida, à felicidade, à amizade, legaram as mais belas páginas sobre um tema profundamente humano: o amor. Na mitologia grega, o amor era um deus, Eros. Hesíodo, o poeta da mitologia, descreve-o como um deus primordial, nascido do Caos e da mãe-terra, Geia: “Dizei-me ó musas (...) qual dos deuses foi o primeiro. Antes de todas as coisas surgiu o Caos; depois a Terra de vasto seio (...), e Eros, o mais belo dos Deuses Imortais, que livra de cuidados todos os Deuses e domina no coração de todos os mortais o ânimo e o conselho prudente” (HESÍODO *apud* MONDOLFO, 1971, p. 16).

Outros poetas diziam ter ele nascido de Afrodite, a deusa da beleza. Entre os romanos, ele foi chamado de Cupido e aparece sempre como uma criança alada, que flechava o coração dos mortais. Obviamente, os filósofos não poderiam ficar fora dessas reflexões. No entanto, se o poeta descreve a emoção do amor, se lamenta o ser amado que partiu, se exalta as belezas de quem ama, o filósofo quer saber o que é isso, afinal, e qual a sua importância. O filósofo procura defini-lo e compreendê-lo.

Na tradição filosófica, no século V a.C., Empédocles foi um dos primeiros a explorar o conceito do amor, entendendo-o como uma força de atração da natureza, promotora de união dos elementos semelhantes,

E todos estes [elementos] – o sol brilhante (fogo), a terra, o céu (ar) e o mar (água) estão animados por uma força de atração para as suas partes, todas as que eram deles separadas nos seres mortais. Assim, também, todas as coisas que são mais levadas a misturar-se, desejam-se reciprocamente, feitas semelhantes por Afrodite. (EMPÉDOCLES *apud* MONDOLFO, 1971, p. 102)

Mas foi Platão quem aprofundou filosoficamente a noção de Eros. Historiadores e estudiosos do pensamento grego clássico, como Conford, Robin, Reale, Jager, Hadot, Paleikat, chamam a atenção para a centralidade de Eros em sua filosofia. Apesar de o assunto se desenrolar em dois de seus principais livros, *Banquete*(1970) e *Fedro*(1970)², enfocaremos o primeiro, por marcar um momento fundamental no pensamento platônico, como bem anotou Jorge Paleikat (1970, p. 119): “A sua importância para a compreensão da filosofia platônica é muito grande, pois, neste diálogo, podemos perceber que Platão começa a substituir as ideias socráticas pelas suas, já agora maduras e de mais largo alcance.”

Assim, neste artigo, teceremos algumas considerações a respeito da dimensão filosófico-educativa que o tema assume nessa obra em particular.

² Entre as traduções portuguesas de Platão, optou-se pela tradução do especialista em língua e cultura grega Jorge Paleikat, por ter sido feita direto do grego e, ao mesmo tempo, ser reconhecida entre os estudiosos de Platão como clássica.

O Eros platônico

Tradicionalmente, a obra platônica é classificada como diálogo, por parte dela ser constituída sob a forma de conversas que consistiam em troca de perguntas e respostas breves em torno de um problema. Nem toda a sua obra escrita, no entanto, assume essa forma. O *Banquete* não é um diálogo no sentido usual³; na verdade, o texto está estruturado como um duelo de discursos entre pessoas que ocupam posições de destaque na cidade de Atenas.

A cena passa-se na casa do poeta Ágaton, que reuniu alguns amigos a fim de comemorar um prêmio recebido⁴. Entre os convidados, que ocuparam a cena principal idealizada por Platão, estão: Fedro, jovem retórico; Pausânias, rico da sociedade de Atenas; Erixímaco, médico; Aristófanes, teatrólogo e comediante famoso; Alcebíades, influente militar e político ateniense, e Sócrates, o filósofo. No início do banquete, Pausânias propôs que, em lugar de beberem, como era costume, cada um pronunciasse um discurso improvisado sobre o deus do amor. A sugestão foi alegremente aceita por todos. Os discursos desenrolam-se em três momentos essenciais: 1) os discursos de Fedro, Pausânias, Erixímaco, Aristófanes e Ágaton preparam caminho para o discurso de Sócrates; 2) o discurso de Sócrates, o ápice dos discursos, e 3) o último discurso, o de Alcebíades, um elogio a Sócrates.

Como bem analisaram Jaeger (1999) e Reale (2007), os discursos estão encadeados numa progressão dialética⁵, ou seja, por meio do discurso de cada personagem, Platão habilmente explora as diversas dimensões do amor no espírito humano. Isso ocorre numa lógica analítica que segue um plano bem definido: dividir dialeticamente o tema, para aprofundar progressivamente os seus diversos elementos

³ As discussões sobre a questão das datas da obra platônica apresentam problemas insolúveis, sendo impossível saber com exatidão as datas de suas obras e a sequência dos seus diálogos. Os intérpretes antigos preocupavam-se pouco com isso; os contemporâneos é que fizeram disso motivo de debates infundáveis. Especialistas em Platão do século XIX, como Schleiermacher, e os dos séculos XX e XXI, como Hans Kramer, Léon Paul Robin, Giovanni Reale e Thomas Szlezák estudaram essa questão de perto, procurando classificar e compreender a evolução da sua obra. De modo geral, embora não haja consenso, os diálogos de Platão foram classificados em quatro grandes categorias: 1) diálogos socráticos; 2) diálogos intermediários; 3) grandes diálogos; e 4) diálogos tardios. É importante saber que a maior parte dos intérpretes de Platão enquadra o *Banquete* como uma obra dos *Grandes diálogos platônicos*. Sendo assim, Sócrates deixa de ser um personagem histórico para tornar-se um personagem de Platão. É, portanto, uma obra ficcional, na qual Platão utiliza a dramaturgia literária para elaborar suas ideias.

⁴ Tanto Jaeger (1995) quanto Paleikat (1970) explicam os banquetes como reuniões entre os gregos em que os convivas se reuniam para beber e nessas ocasiões podiam ocorrer trocas literárias e poéticas entre os amigos.

⁵ A dialética, em Platão, ao contrário da retórica sofística, que busca simplesmente persuadir, é a ciência da discussão, fundamentada num método de investigação, de busca pela verdade. Portanto, uma proposta de descoberta e, ao mesmo tempo, de ensino. Em sentido geral, esse método consiste num duplo movimento, o da divisão (*diaíresis*) e o da síntese (*synagogé*). Por meio da divisão, Platão parte de uma visão geral do objeto, divide-o progressivamente, a fim de analisar suas múltiplas características e contradições, compara seus diversos aspectos, destrincha o objeto para chegar à essência, num processo demorado e exaustivo; por fim, reúne seus elementos principais, articulando-os numa visão única e profunda.

e depois sintetizá-los, numa visão única. Assim, os discursos anteriores ao de Sócrates preparam caminho para o seu pronunciamento, que sintetiza os elementos essenciais do amor e eleva a discussão a seu ponto máximo:

À volta da mesa do poeta trágico Ágaton, congregam-se representantes de todos os tipos de cultura espiritual da Grécia. Aquele poeta acaba de alcançar no ágon dramático um triunfo que é ao mesmo tempo o festejado anfitrião. Mas é Sócrates quem, dentro do círculo restrito, alcança o triunfo no ágon dos discursos, um discurso mais poderoso, um triunfo mais poderoso que o aplauso das trinta mil ou mais pessoas que no dia aclamaram Ágaton no teatro. (JAEGER, 1999, p. 721)

No primeiro discurso, produzido por Fedro, Eros é louvado como o deus mais amante e dedicado aos homens. Sua principal característica é promover a união carnal e física entre os homens, unindo-os por um laço corporal e sentimental. Essa união amorosa é o principal bem para os humanos, pois propicia os laços afetivos entre as pessoas.

Pausânias, o segundo a tomar a palavra, inicia o discurso distinguindo dois tipos de amor: o Eros vulgar e o Eros celeste. O Eros celeste participa unicamente do elemento masculino e o vulgar participa do elemento masculino e feminino⁶. O Eros celeste inspira um tipo de amor ao espírito do outro e só pode acontecer verdadeiramente entre dois homens. O amor dedica-se aos homens fortes, corajosos e inteligentes. O amor não deve dirigir-se apenas aos corpos, mas às virtudes do outro.

O médico Eurixímaco, terceiro a discursar, concorda com a necessidade de se dividir Eros em dois. No entanto, o Eros celeste também se dirigia ao corpo. A diferença está em que o Eros celeste se dirige ao corpo são; o Eros vulgar, ao corpo doente. A natureza do corpo contém esses dois Eros. O Eros celeste reina sobre o que é são e o Eros vulgar, sobre o que é doente. O médico é aquele que dispensa os cuidados necessários, a fim de promover a harmonia entre esses dois inimigos no corpo humano, derivada do acordo entre esses opostos. Conclui seu discurso, dizendo que o amor corporal deve ser desfrutado, mas com cautela para não afetar a saúde dos amantes. A essência da Medicina e do verdadeiro médico consiste em se imbuir do amor cuidadoso para restaurar a harmonia do corpo. O amor leva ao cuidado, o cuidado conduz à harmonia e à saúde.

⁶ De acordo com Jaeger (1995), na *Paidéia*, na Grécia clássica, em diversas *pólis*, como Atenas, Esparta, Creta e Tebas, praticavam-se relações homossexuais entre homens, e isso era considerado algo apreciável na vida dos indivíduos, que tinham, porém, mulher e filhos. O amor masculino era uma herança da educação guerreira arcaica, na qual o jovem nobre, com base numa relação com o mais velho, formava sua virilidade. A mulher, na Grécia, ocupava um lugar de subalternidade e de um certo desprezo, a ponto de um dos convivas no *Banquete* pedir a retirada das mulheres a fim de confraternizarem. Nos discursos que antecedem o de Sócrates, o amor aparece sempre com uma conotação masculina. O elemento feminino é sempre visto como inferior. Mulheres viviam encerradas no gineceu – uma parte da casa a elas reservada – e não participavam da vida política e social da *pólis*. Dessa maneira, a prática homossexual grega tinha uma marca de exclusão do elemento feminino.

Na sequência, entra em cena Aristófanes, exaltando o poder de Eros, o maior amigo dos homens. Utiliza um mito para descrever o poder de Eros. No início dos tempos, éramos seres completos, mas, por uma punição divina, fomos separados. Havia os homens, as mulheres e os andróginos: os homens possuíam quatro mãos, quatro pés, dois sexos masculinos; as mulheres igualmente, com dois sexos femininos e os andróginos tinham um sexo de cada. Esses seres eram muito vigorosos e velozes. Quando corriam, davam cambalhotas e usavam os oito membros. Quiseram atacar o mundo dos deuses, por isso Zeus os puniu. Cortou-os pela metade e, por causa disso, os humanos produtos dessa divisão sentem-se incompletos. E estão sempre em busca da sua metade perdida. No discurso de Aristófanes, o amor é a força que impulsiona um ser na direção de outro ser. Um ser só se torna completo no encontro com o outro. O desejo dos amados é ser apenas um único ser. A felicidade é uma vida dedicada a Eros.

O penúltimo a elogiar Eros é o anfitrião, Ágaton. Defende a juventude eterna do deus do amor, por ser jovem, ágil, delicado, belo e virtuoso. A sua ação estimula no homem a virtude: a temperança, a justiça, a sabedoria, contribuindo para extrair do homem o melhor. Moderador das paixões e dos prazeres, revela-se um verdadeiro guia das ações humanas. A sua força virtuosa mantém os bons laços entre os seres humanos.

O último a tratar do tema é Sócrates. O filósofo não pronuncia diretamente o elogio a Eros - isso seria contrário a seu método dialógico -, mas relata a conversa que teve outrora com Diotima, a sacerdotisa de Mantinea, que lhe contou o mito⁷ do nascimento de Eros. Ao contrário dos outros convivas, ele não fará um discurso relatando as qualidades do amor. Explica Hadot (1999, p. 72): “O elogio de Eros por Sócrates é clara e evidentemente composto segundo a maneira propriamente socrática. (...) Não falará ele próprio, pois nada sabe, mas fará falar os outros(...)”. O filósofo inicia seu discurso interrogando Ágaton se o amor é desejo do que se possui ou do que não se possui. Sócrates leva o anfitrião a admitir que Eros é desejo da beleza, da virtude, da sabedoria e, se o amor é desejo dessas maravilhas que ele não possui, deve-se concluir que ele não é nem belo, nem virtuoso em si.

Depois disso, o filósofo traça seu elogio, referindo-se à sacerdotisa que o fez compreender o tema. A novidade no seu discurso é a entrada em cena de uma mulher, embora simbolicamente, o que contrariava os preconceitos de então. Platão valoriza o elemento feminino, a ponto de colocar a mulher como a parteira espiritual de seu mestre. A sacerdotisa assume um papel de maior destaque nos discursos, ao empregar o método maiêutico (parto espiritual) tradicionalmente atribuído a Sócrates na conversação com o seu mestre.

Ao contrário dos discursos anteriores, em sua descrição, Eros deixa de ser um

⁷ Platão apela frequentemente para a estrutura mítica em sua obra. Segundo Reale (2007), o mito desempenha na filosofia platônica o papel de expressar a verdade por imagens que as pessoas estavam acostumadas a ouvir. O mito tem o poder de atingir de modo rápido e profundo a alma das pessoas, tem a força de persuadir. Por isso, tanto no *Banquete*, quanto na *República* e nas *Leis*, o mito ocupa um espaço importante.

deus, para assumir o papel de intermediário entre os deuses e os homens, um *daimon*⁸. Como anota Cornford (1981, p. 133): “Eros, embora não tenha a beleza e nem a bondade de um deus, é um daqueles espíritos (*daimons*) que são intermediários entre o divino e o mortal. A função do mundo dos espíritos é servir de mensageiros (...)”. Esse ser intermediário faz a interligação entre os deuses e os humanos, revela aos homens a vontade dos deuses e comunica os sacrifícios e as necessidades humanas a eles. Em sua narrativa mítica, Diotima afirma que, no dia do nascimento de Afrodite, os deuses banquetevam em sua morada, todos embriagados. Ao final da refeição, Penia, isto é, a pobreza e a privação, veio mendigar. Para atenuar sua miséria, ela procura Poros, isto é, o recurso e a riqueza, para ter um filho dele. Deita-se ao lado dele e concebe Eros.

A sacerdotisa expõe uma imagem da origem de Eros de forma tão sutil que a descrição poderá ser interpretada de muitas maneiras. Imediatamente, percebemos em Eros os traços de seu pai e de sua mãe. Pelo lado materno, é pobre, é carente, é desejo, é busca. Entretanto, como filho de Poros, quer a riqueza paterna. O amor é filho dessas forças opostas, mas complementares, e somente pode ser entendido a partir dessa natureza:

E, por ser filho de Poros e Penia, Eros tem o seguinte fado: é pobre, e muito longe está de ser delicado e belo, como todos vulgarmente pensam. Eros, na realidade, é rude, é sujo, anda descalço, não tem lar, dorme no chão duro, junto aos umbrais das portas, ou nas ruas, sem leito nem conforto. Segue nisso a natureza de sua mãe que vive na miséria. Por influência da natureza que recebeu do pai, Eros dirige a atenção para tudo o que é belo e gracioso; é bravo, audaz, constante e grande caçador; está sempre a deliberar e a urdir maquinações, a desejar e a adquirir conhecimentos, filosofa durante toda a vida. (PLATÃO, 1970, p. 164-165)

Por ser filho de Penia, Eros não pode ser belo nem sábio e está privado dessas características. Contudo, filho de Poros, ele procura os meios de conquistar essas riquezas. Não sendo um deus, Eros não possui a sabedoria, pois apenas os deuses são sábios, mas ele busca a riqueza do pai, a sua sabedoria. A exposição de Diotima, ao mesmo tempo, aplica-se a Eros e ao filósofo. O filósofo está na posição de Eros, querendo adquirir sabedoria; ele não é sábio, mas consciente de sua ignorância, de sua pobreza e miséria, anseia pelas riquezas e recursos da sabedoria. Diz Cornford: “Diotima desenvolve o tema de que Eros é amor pela sabedoria.(...) Eros deseja beleza e bondade, ou, por outras palavras, felicidade” (CORNFORD, 1952, p. 134). Existe, portanto, uma identificação entre a figura de Eros, a figura do filósofo e o ideal da Filosofia.

Eros ou o filósofo representam um chamado, uma abertura para o bem, para o belo e para a verdade, mas ele não possui essas coisas em si. Cornford (1981, p. 134)

⁸ Na definição de Abbagnano (2000), *daimon* é traduzido como ser divino, que não o supremo, ao qual é habitualmente reservada a função de mediação entre o mundo humano e o divino. O significado dado, em *O Banquete*, por Platão, é o de um gênio (espírito) bom, inferior a um deus, que inspira ou dá conselhos divinos aos humanos.

insiste nesse ponto: “Eros deseja a beleza e a bondade, ou por outras, a felicidade; e este é um desejo universal, sentido por todos os homens em todos os tempos.” O amor é um impulso, um desejo básico, como algo que faz parte da natureza da alma, que nos impulsiona na direção da virtude e da verdade que, no fundo, é a busca pela verdadeira felicidade.

Há duas categorias de seres que não filosofam, os deuses e os ignorantes; os deuses por serem sábios, e os ignorantes por se acreditarem sábios. O filósofo, assim como Eros, está no meio do caminho, privado da sabedoria, que é divina, mas um amante dela. E, exatamente por serem caçadores do mundo divino, o filósofo e Eros revelam aos humanos alguma coisa dele. A Filosofia é definida, por Platão, como uma experiência de amor que proporciona uma elevação humana, como bem exprime Jaeger: “O significado humanista da teoria de Eros no *Banquete*, como um impulso inato ao Homem que o leva à expansão do seu mais elevado eu...” (JAEGER, 1995, p. 746). O filósofo nunca atingirá a sabedoria na sua plenitude, pois ela é divina, mas ele pode sempre progredir na sua direção.

A definição de Filosofia

A Filosofia, de acordo com o *Banquete*, não é sabedoria, mas um modo de vida amoroso e consciente, condicionado por uma incansável busca em sua direção. Escreve Hadot (1999, p. 77): “O filósofo é Eros: privado de sabedoria, de beleza, do bem, deseja, ama a sabedoria, a beleza, o bem. Ele é Eros, o que significa que ele é o Desejo, não um desejo passivo, nostálgico, mas um desejo impetuoso.” O filósofo pode ser qualquer um, desde que alguém consciente do seu não saber e procure progredir em direção à sabedoria. O universo divino será um ideal de busca, um guia que fará o filósofo praticar um novo modo de vida. Essa definição de Filosofia e de filósofo será importante no Ocidente: dos estoicos a Kant, a Filosofia não é sabedoria, mas a sua busca, e o filósofo nunca será totalmente sábio, mas seu caçador implacável. Assim, um conjunto de filósofos definiram a Filosofia, platonicamente, como “amor ao saber”.

A partir da imagem de Eros feita por Diotima, Platão não apenas define a Filosofia e o filósofo, como também projeta a escalada do amor na alma humana. Na fala da sacerdotisa, Eros percorre uma escada, que alcança níveis cada vez mais altos. Na ascensão de Eros, há quatro fases. Os seres humanos começam amando a beleza física dos corpos, sentindo um desejo de união física corporal com o ser amado. Em seguida, a alma aprende a cuidar do corpo, a promover a saúde. Mas, pouco a pouco, a partir da busca filosófica, percebem, numa tomada de consciência, a existência de uma beleza mais profunda, a beleza das almas. O amor das almas é muito mais nobre e louvável, porque se direciona a algo perene e eterno. Amar um ser humano não significa amar o seu corpo apenas, mas, sobretudo, a sua alma. Reale (2007) expressa isso de maneira precisa:

O que os homens chamam de amor não é senão uma pequena parte do verdadeiro amor: amor é desejo do belo, do bem, da sapiência, da

felicidade, da imortalidade, do Absoluto. O amor tem muitos caminhos que conduzem a vários degraus do bem (toda forma de amor é sempre desejo de possuir o bem); mas o *verdadeiro* amante é o que sabe percorrê-los todos até alcançar a visão suprema, a visão do que é absolutamente belo. O degrau mais baixo na escala do amor é o amor físico, que é o desejo de possuir o corpo belo (...). Finalmente, no alto da escala do amor, há uma visão fulgurante da Ideia do Belo, do Belo em si, do Absoluto. (p. 219, grifos no original)

Na última fase, encontra-se o amor filosófico-pedagógico, aquele direcionado à alma do ser amado, no intuito de extrair o melhor dela, para impulsioná-la na busca pelas belezas divinas. Se a essência do médico é cuidar do corpo, como fica claro no discurso de Erixímaco, a do filósofo é cuidar pedagogicamente da alma do discípulo, como demonstram Diotima e Alcebíades. O filósofo não pode se contentar em guardar as riquezas divinas apenas para si; deve compartilhá-las com aqueles que vão a caminho com ele. Essa visão do filósofo de *O Banquete* interliga-se a uma outra imagem simbólica descrita em *A República*, quando, no *Mito da Caverna*, o filósofo liberta-se das correntes que o aprisionam ao mundo das aparências, sai da caverna e trilha um difícil caminho ascendente até atingir as belezas divinas, mas não se contenta em contemplar sozinho aquela realidade iluminada; ele volta à caverna para partilhar com os seus companheiros, procurando despertar neles o desejo de fazerem o mesmo percurso.

Há, portanto, uma sublimação da beleza corpórea que deixa de ser a mais importante e passa a ser a da alma. Esse amor à alma do outro motivará o ser que ama a cuidar e a zelar pela felicidade do amado, procurando levá-lo ao bem, ao belo e à verdade. Leiamos o belo texto em que Platão (1970, p. 174-175) revela esse tipo de amor:

Todo aquele que deseja atingir essa meta ideal, praticando acertadamente o amor, deve começar em sua mocidade por dirigir a atenção aos belos corpos e, antes de tudo, bem conduzido por um preceptor, deve amar um só corpo belo e, inspirado por ele, dar origem a belas palavras. (...) Em seguida, considerará a beleza das almas como muito mais amável do que a dos corpos, e destarte será conduzido por alguém que possua uma bela alma, embora localizada num corpo despido de tais encantos, e amará, zelando por sua felicidade, e inspirando-lhe belos pensamentos capazes de tornar os jovens melhores. (...) Quando, das belezas inferiores nos elevamos através de uma bem entendida pedagogia amorosa, até a beleza suprema e perfeita (...). (PLATÃO, 1970, p. 174-175)

Sócrates como o modelo do filósofo-educador

O modelo máximo desse amor filosófico-pedagógico é Sócrates. Isso fica claro quando Alcebíades chega à casa de Ágaton e, em vez de louvar Eros, louva Sócrates. Em suas palavras, existe uma semelhança entre Sócrates e Eros. Há inúmeras semelhanças entre os traços do Eros, apresentados por Diotima, e os de Sócrates, descritos por Alcebíades. Sócrates também não é belo, nem delicado; é pobre, rude, sujo, descalço,

anda sempre coberto por um manto esfarrapado. É sempre satirizado por amigos e inimigos, por essas características. Assim como Eros, Sócrates recusa o título de sábio, sempre afirmando nada saber, mas é uma figura incansável em busca da sabedoria e, ao mesmo tempo, dedicado a despertar o mesmo desejo em todos aqueles que o procuram, nas palavras de Hadot (1999, p. 77): “Sócrates ou o filósofo é Eros: privado de sabedoria, de beleza, do bem, deseja, ama a sabedoria, a beleza e o bem.”

O Sócrates de *O Banquete* é alguém engajado na vida da cidade, um homem que dialoga com todo mundo, que filosofa com homens, mulheres, jovens e velhos, nas ruas, ginásios, oficinas. Há, em Sócrates, um aspecto popular de homem comum, mas sempre vinculado amorosamente às pessoas. Exatamente, para Platão, a virtude de Sócrates é a de ser um filósofo enraizado na vida, e não ser um especulativo perdido em suas reflexões, que se esquece da vida, do conviver. O filósofo faz um apelo à consciência amorosa de Alcebiades, abre-lhe caminho em direção às riquezas divinas, que transcendem as belezas terrestres. Alcebiades é influenciado por esse apelo de Sócrates. Ele próprio narra a sua decepção diante da recusa de Sócrates ante suas investidas sexuais. O mestre justificava-se dizendo não amar o seu belo corpo e, sim, a sua alma. Alcebiades afirma que Sócrates o faz reconhecer a necessidade de nunca deixar de lado o cuidar de si e o cuidar dos outros.

A obra culmina na cena em que Alcebiades, à cabeça de um bando de companheiros ébrios, irrompe casa adentro e, em um audacioso discurso, aclama Sócrates como mestre do *Eros*, naquele supremo sentido que Diotima revelou. E é assim que se fecha o coro dos louvores dirigidos a Eros com um elogio dirigido a Sócrates. Neste se encarna o Eros, que é a própria Filosofia. (JAEGER, 1995, p. 747)

Portanto, Sócrates é o retrato do filósofo-educador, sempre disposto a descobrir os caminhos para fazer o parto da alma do discípulo; sempre preocupado em instigar o voo livre do discípulo na conquista da virtude e da verdade.

Eros como princípio educativo

Encontramos, assim, no Eros filosófico-platônico, uma experiência educativa, em que mestre e discípulo percorrem em conjunto um caminho amoroso na busca da virtude e da verdade. A Filosofia para Platão não é a elaboração solitária de um conhecimento sistemático do mundo, mas uma atividade espiritual, uma vivência educativa, mediada por Eros, capaz de despertar o desejo consciente de buscar o divino, de promover a ascensão do ser humano naquilo que ele tem de melhor. Portanto, Eros nada ensina, pois é ignorante, mas ele ajuda as almas a aspirarem à sabedoria, instiga a busca. Por isso, o Sócrates do *Banquete* se recusa a ensinar um conteúdo pronto e acabado, não quer transmitir um amontoado de conhecimentos mortos, não vivenciados. Ele se apresenta como um mediador, alguém engajado na busca pelo divino, que revela aos seres humanos algumas coisas deste mundo e, conseqüentemente, desperta nas pessoas o mesmo desejo de busca.

Cabe observar que, com Platão, o ideal de educação do homem grego deixa de ser aquele reinante entre os sofistas de transmissão-aquisição de um saber acabado, para o despertar do amor que existe no ser humano e que o empurra para o verdadeiro, o bem e o belo, enquanto os sofistas eram mestres no treinamento do intelecto, da retórica, da cultura erudita, no intuito de proporcionar um saber para o bom governo de as classes ricas governarem e o sucesso destas no mundo. Sócrates era um mestre despojado, amoroso, companheiro, que insistia no seu não saber, ao mesmo tempo um provocador do despertar da alma, da busca consciente, da necessidade de se tomar posse do patrimônio de Eros. Ele exorta Alcebiades a se comportar dessa maneira, caso contrário a vida não mereceria ser vivida. Como Alcebiades pôde experimentar, Sócrates tem essa capacidade amorosa; é um *daimon*, mediador entre o mundo humano e o divino.

Esse é o sentido profundo do Eros educativo platônico. Ele inverte a tradicional relação entre o mestre e o discípulo. Ser mestre não é despejar afirmações, nem manejar lições para aprender; ser mestre é estar unido amorosamente ao discípulo, a fim de extrair dele o melhor. O ensino começa quando mestre e discípulo caminham juntos numa busca existencial pela sabedoria. Como diz Sócrates em *O Banquete*: “Ótimo seria, caro Agáton, se a sabedoria fosse uma coisa que pudesse passar, por simples contato, de quem tem a quem não tem” (PLATÃO, 1970, p. 125).

Nunca compreenderemos a verdadeira sabedoria se não a vivermos. Essa é a consciência que Sócrates deseja despertar no discípulo, quando se coloca ao seu lado e convida-o a vivenciar a Filosofia. Por isso, ele não tem um sistema a ensinar, o seu filosofar é um exercício espiritual para um novo modo de viver, uma consciência ativa da busca pelo divino dentro e fora de si. Em Platão, a filosofia autêntica não é especulação desconectada da vida, mas o despertar da potência de Eros que desemboca numa nova consciência existencial. Aquele que despertou para as belezas do amor e aprendeu a buscar a sabedoria atingirá a principal via para a excelência (*aretê*), para a virtude verdadeira.

Conclusão

A obra *O Banquete* abre uma nova perspectiva no pensamento educacional na história ocidental, ao romper com a tese dos sofistas de que o aprendizado é processo de transmissão e aquisição de saberes, no sentido de uma mera interiorização. Na proposta filosófico-pedagógica platônica, esse processo adquire um sentido mais profundo de despertar o desejo e a consciência daquele que aprende para um processo educativo permanente da alma. O aprendizado nasce de um debruçar-se sobre si mesmo, do despertar o impulso amoroso que impulsiona para a busca, para a realização das capacidades profundas da alma humana. O aprendizado em sua essência depende desse despertar amoroso, que é a condição primeira para qualquer processo educativo. Sendo assim, a educação, no seu sentido *lato*, é um despertar da alma, de consciência,

de vontade a fim de buscar o verdadeiro e o bom, que permeiam a realidade exterior e interior. Portanto, aprender é um processo que envolve toda a alma.

Com isso, Platão não quer dizer que o processo de transmissão-aquisição de saberes não tenha um papel fundamental para os humanos. O saber cultural, as ciências, a arte constituem um bem para os humanos, mas, diante deles, devemos estar engajados no processo de busca amorosa, para distinguir aqueles saberes que não acrescentam nada e os que trazem um bem verdadeiro. Na *República*, é precisamente isso que Platão quer demonstrar, quais conteúdos promovem o despertar da alma e quais turvam esse despertar. A cultura do mundo é importante, na medida em que provocam a abertura dos olhos da alma.

Para Platão, o filósofo é alguém que tem um papel educativo fundamental: é ele que deve promover e conduzir o despertar amoroso da alma. O verdadeiro filósofo é aquele que faz o parto espiritual, que traz à tona o patrimônio erótico, que promove o despertar da alma. Por isso, para Platão, o verdadeiro filósofo é o verdadeiro educador.

Referências bibliográficas

- ABBAGNANO, N. **História da Filosofia**. Lisboa: Editorial Presença, 1970.
- ABBAGNANO, N. **Dicionário da Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BERGSON, H. **Curso sobre a filosofia grega**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- COLLI, G. **O nascimento da Filosofia**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- CORNFORD, F. M. **Principium Sapientiae**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1981.
- FINLEY, M. I. (Org.) **O legado da Grécia**. Brasília: Editora UNB, 1998.
- HADOT, P. **O que é a filosofia antiga**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- JAEGER, W. **Paidéia – A formação do homem grego**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- MONDOLFO, R. **O pensamento antigo**. São Paulo: Mestre Jou, 1973, vol. I e II.
- PLATÃO. **Diálogos – Mênon, Banquete e Fedro**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1970.
- PLATÃO. **Diálogos – Eutífron, Apologia de Sócrates, Críton e Fédon**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- PLATÓN. **Obras completas de Platón**. Buenos Aires: Ediciones Anaconda, 1946.
- REALE, G. **História da filosofia antiga**. São Paulo: Loyola, 2005, vol. I ao V.

REALE, G. **Para uma nova interpretação de Platão.** São Paulo: Loyola, 2004.

REALE G. **Platão.** São Paulo: Loyola, 2007.

ROBIN, L. **Platon.** Paris: Librairie Félix Alcan, 1938.

ROUGUE, C. **Comprender Platão.** Petrópolis: Vozes, 2005.

RUSSEL, B. **História da Filosofia Antiga.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

SZLEZÁK, T. A. **Ler Platão.** São Paulo: Loyola, 2005.

ZELLER, E. **Compendio di Storia della Filosofia Greca.** Firenze: Vallecchi Editore Firenze, 1921.